

**Vol. 12**

ORGANIZAÇÃO

André Luis Lima Nogueira  
Anny Jackeline Torres Silveira  
Dilene Raimundo do Nascimento  
Patrícia Maria da Silva Merlo  
Sebastião Pimentel Franco

# UMA HISTÓRIA BRASILEIRA DAS DOENÇAS

FINO TRACÔ



ETI



**PROGRAMA DE  
PÓS-GRADUAÇÃO  
EM HISTÓRIA**

Universidade Federal de Ouro Preto



Casa de  
Oswaldo Cruz

E-BOOK GRATUITO - PROIBIDO COMERCIALIZAÇÃO

**Vol. 12**

ORGANIZAÇÃO

**André Luis Lima Nogueira  
Anny Jackeline Torres Silveira  
Dilene Raimundo do Nascimento  
Patrícia Maria da Silva Merlo  
Sebastião Pimentel Franco**

# **UMA HISTÓRIA BRASILEIRA DAS DOENÇAS**

Todos os direitos reservados à Fino Traço Editora Ltda.

© André Luis Lima Nogueira, Anny Jackeline Torres Silveira, Dilene Raimundo do Nascimento, Patrícia Maria da Silva Merlo e Sébastião Pimentel Franco

Este livro ou parte dele não pode ser reproduzido por qualquer meio sem a autorização da editora.

As ideias contidas neste livro são de responsabilidade de seus organizadores e autores e não expressam necessariamente a posição da editora.

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação | Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

H58

Uma história brasileira das doenças vol. 12 / organização André Luis Lima Nogueira... [et al.]. - Ebook - Belo Horizonte [MG]: Fino Traço, 2023.

341 p.; 23 cm.

Inclui índice

ISBN 978-85-8054-644-6

1. Saúde pública - História - Brasil. 2. Epidemias - História - Brasil.  
3. Doenças transmissíveis - Brasil. 4. Epidemias - Aspectos sociais.  
I. Nogueirea, André Luis Lima.



23-87449      CDD: 614.490981      CDU: 616-036.22(81)(09)

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643      11/12/2023 12/12/2023

## COLEÇÃO HISTÓRIA

### CONSELHO EDITORIAL

Alexandre Mansur Barata | UFJF

Andréa Lisly Gonçalves | UFOP

Gabriela Pellegrino | USP

Iris Kantor | USP

Junia Ferreira Furtado | UFMG

Marcelo Badaró Mattos | UFF

Paulo Miceli | UniCamp

Rosângela Patriota Ramos | UFU

FINO TRAÇO EDITORA LTDA.

[finotracoeditora.com.br](http://finotracoeditora.com.br)

## *Sumário*

<i>Apresentação .....</i>	<i>7</i>
<i>Da botânica brasileira às boticas de Portugal: as contribuições da História Natural para o melhor aproveitamento das espécies medicinais em fins do Antigo Regime luso .....</i>	<i>20</i>
Patrícia M. S. Merlo e Lucas Onorato Braga	
<i>“Considerações Botânico-Médicas Sobre a Erva Dita Homeriana(1885)”: Análise do texto científico produzido por Joaquim Monteiro Caminhoá.....</i>	<i>42</i>
Alex Gonçalves Varela	
<i>Arqueologia da saúde: espaços e materialidade de práticas de saúde no RS do final do século XIX e início do século XX.....</i>	<i>62</i>
Luciana da Silva Peixoto e Fábio Vergara Cerqueira	
<i>Patrimônio Cultural da Saúde e suas redes .....</i>	<i>105</i>
Gisele Sanglard e Renato da Gama-Rosa Costa	
<i>Modernidade, eugenio e raça: a construção do paulistanismo, 1920-1930 .....</i>	<i>127</i>
André Mota	
<i>Josué de Castro e o combate à fome: ideias, instituições e projetos dos anos 1950 .....</i>	<i>151</i>
Helder Remigio de Amorim	

<i>Artefatos Educativos em Saúde: seus percursos e usos.....</i>	<b>169</b>
Rogério Dias Renovato	
<i>Novas civilidades, experiência, expectativa e mudanças de hábitos em saúde. Uma chave de leitura a partir da atuação do SESP no médio Rio Doce .....</i>	<b>194</b>
Maria Terezinha Bretas Vilarino	
<i>A educação em saúde, a saúde escolar e as doenças tropicais: materiais, espaços formativos e a circulação do conhecimento científico (1970-1980) .....</i>	<b>222</b>
Bráulio Silva Chaves	
<i>Em busca da “causa e da natureza do câncer”: conhecimento médico e gerenciamento das dúvidas no Brasil (1880-1935).....</i>	<b>260</b>
Luiz Alves	
<i>Doença Falciforme – Atenção e cuidado: a experiência brasileira....</i>	<b>289</b>
Joice Aragão de Jesus	
<i>Situação atual e desafios para a erradicação final da Polio.....</i>	<b>315</b>
José Fernando de Souza Verani	
<i>Existe uma vacina contra o negacionismo histórico?.....</i>	<b>326</b>
Marcos Napolitano	

# *Arqueologia da saúde: espaços e materialidade de práticas de saúde no RS do final do século XIX e início do século XX*

Luciana da Silva Peixoto<sup>1</sup>  
Fábio Vergara Cerqueira<sup>2</sup>

## *Apresentação*

A saúde talvez ainda não seja considerada uma área de pesquisa bem circunscrita dentro da Arqueologia, mas é com certeza um tema que começa a despertar o interesse de mais e mais arqueólogos. Nossa aproximação com esse tema aconteceu em 2011 quando realizamos o resgate arqueológico das “Ruínas da Enfermaria Militar de Jaguarão”. Naquele momento pouco sabíamos sobre contextos hospitalares, a não ser por um trabalho pioneiro publicado em forma de livro havia pouco tempo, em 2009, sobre a lixeira hospitalar da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, pelos arqueólogos Alberto Oliveira, Fernanda Tochetto, Vera Lúcia Barroso e Zeli Terezinha Company, intitulado “A Arqueologia vai ao Hospital. Pesquisa Arqueológicas para a implantação do Centro Histórico-Cultural Santa Casa”, e, é claro, pelo texto seminal da arqueóloga Tânia Andrade de Lima de 1996, “Humores e odores: ordem corporal e ordem social no Rio de Janeiro, século XIX”. Este

---

1. Universidade Federal de Pelotas – lucipic@hotmail.com

2. Universidade Federal de Pelotas – fabiovergara@uol.com.br

texto, mesmo não tratando especificamente sobre um contexto hospitalar, é exemplar na literatura arqueológica brasileira e exerceu influência sobre quase todos os textos produzidos sobre o tema da saúde posteriormente, que dão conta de contextos muito variados, do Sul ao Nordeste do país.

Enquanto resgatávamos o sítio Enfermaria Militar não tínhamos ainda um olhar direcionado para a “saúde”. Pensávamos a Enfermaria como um sítio histórico, complexo pelos seus diferentes usos ao longo do tempo e pela diversidade tipológica da cultura material resgatada.

No entanto, no decorrer do trabalho a necessidade de identificação da cultura material exumada nos direcionou para pesquisas pontuais de temas relacionados à saúde, como por exemplo a produção e circulação farmacêutica de final do século XIX até meados do século XX no Brasil, e em especial no sul do Rio Grande do Sul. Era necessário identificar uma série de objetos de diferentes tipologias, como frascos de remédios, ampolas, etc. Por outro lado, os depoimentos coletados durante o salvamento do sítio informavam sobre as dinâmicas de usos dos espaços que falavam muito sobre as diversas relações com as doenças e com a saúde.

Todavia, os contextos hospitalares formam uma categoria de sítio arqueológico pouco estudada ainda hoje, representada no Rio Grande do Sul provavelmente apenas pela Enfermaria Militar de Jaguarão e pela Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre. Além disso, a cultura material relacionada à saúde, resgatada em sítios históricos, não costuma chamar tanto a atenção dos pesquisadores, quando muito se tornam peças de museu. Assim, a Arqueologia da Saúde não avançou muito em suas pesquisas ao longo dos últimos anos, sendo, porém, um campo com grande potencial de expansão.

O convite para participar do II Seminário Internacional Gestão Integrada do Patrimônio Cultural – Humanidades, Sociedade, Saúde e Ambiente, em 2021, GIPC, nos instigou a retomar as pesquisas sobre o tema da saúde a partir da Arqueologia<sup>3</sup>. A palestra estava inserida na Mesa-redonda Sustentabilidade,

---

3. O evento, promovido pelo Polo Morro Redondo da Cátedra Unesco/IPT – Humanidades e Gestão Cultural Integrada do Território, aconteceu entre os dias 14 e 16 de setembro de 2021, de forma totalmente virtual, no âmbito do “Acordo de Cooperação Técnica entre o Instituto Politécnico de Tomar-Portugal, Universidade Católica de Pelotas e Município de Morro Redondo.

Turismo, Saúde e Patrimônio Cultural<sup>4</sup>, ao lado de outras duas apresentações que abordavam o tema com foco na saúde a partir da História e da Arquitetura, e resultou na publicação intitulada “Patrimônio Arqueológico da Saúde: registros materiais móveis e imóveis dos espaços e práticas de saúde” (PEIXOTO; VERGARA CERQUEIRA, 2022). O objetivo então foi trazer alguns conceitos básicos que balizam o campo do patrimônio arqueológico da saúde, o estado da arte e alguns exemplos de trabalhos realizados ao longo das últimas décadas, onde o foco central foi a saúde em dimensões muito variadas, dos cuidados de si às curas. Em 2022, fomos estimulados a retomar e aprofundar o estudo, diante do convite para participarmos do X Colóquio de História das Doenças, integrando a mesa-redonda Patrimônio da Saúde, juntamente às historiadoras Gisele Sanglard e Vivien Ishaq, quando coube a nós apresentarmos a fala “Patrimônio arqueológico da saúde: sobre lixeiras, vidros e louças”. A abordagem desenvolvida nesta segunda manifestação sobre o assunto e o subsequente convite para publicação, estimulou-nos a, neste texto, dedicarmos mais atenção aos dados arqueológicos trazidos a lume por nossa intervenção junto às ruínas da Enfermaria Militar de Jaguarão, na fronteira meridional do Rio Grande do Sul, e nas lixeiras coletivas situadas no Centro Histórico de Pelotas.

Iniciaremos traçando um breve estado da arte sobre o desenvolvimento da área emergente de Arqueologia da Saúde em nosso país, para a seguir tratar do tema de um ponto de vista patrimonial. Na sequência, direcionamos nosso foco para os espaços e objetos, conforme o modo como questões atinentes à saúde se dão a evidenciar no substrato arqueológico, no âmbito das lixeiras reveladas pelas intervenções de Salvamento Arqueológico efetuadas nas duas últimas décadas em nosso estado. Abordamos duas categorias de lixeiras, lixeiras hospitalares e lixeiras coletivas, e enfocamos mais a caracterização de alguns dos objetos cujos vestígios se conservaram nestes contextos. A questão propriamente da estrutura destas lixeiras, e como podemos caracterizar a especificidade desses depósitos arqueológicos (por exemplo, a alta incidência de vidros no perfil da quadrícula), será abordada com mais atenção em

---

4. A palestra pode ser acessada através do site <https://wp.ufpel.edu.br/gipc-morroredondo/2-seminario-gipc/>, e também em: <https://www.youtube.com/watch?v=tGLMQpKAJjQ&t=8s>

um futuro texto. De modo muito sucinto, apresentaremos a lixeira da Santa Casa de Misericórdia, com resultados já devidamente publicados, e aprofundaremos um pouco mais a análise da cultura material da saúde revelada no Salvamento Arqueológico da Enfermaria Militar de Jaguarão. Ao final, analisaremos algumas das evidências exumadas nas lixeiras coletivas do século XIX, localizadas no Centro Histórico de Pelotas.

## ***O estado da arte***

Estamos usando a denominação “patrimônio arqueológico da saúde” para fazer referência a toda e qualquer evidência material que tenha ligação com os cuidados com a saúde, com a prevenção ou com o combate de doenças, e ainda com hábitos de higiene e cuidados de si que indiretamente contribuem com a promoção da saúde.

Nesse sentido, trazemos aqui algumas contribuições da pesquisa arqueológica brasileira para o desenvolvimento da arqueologia da saúde, sobretudo com relação às coleções de arqueologia histórica do século XIX e início do século XX. Não podemos deixar de mencionar aqui o texto já citado, “Humores e odores: ordem corporal e ordem social no Rio de Janeiro, século XIX”, de Tânia Andrade de Lima, de 1996, sem sombra de dúvida um texto inaugural na literatura arqueológica nacional em termos de interpretação da saúde, que exerce influência sobre boa parte dos textos posteriores, que dão conta de contextos muitos variados, do Sul ao Nordeste do país. A autora identifica a permanência de certas concepções médicas herdadas da medicina humoral da Antiguidade grega, em que algumas práticas ainda se baseavam na medicina hipocrática e na medicina galênica<sup>5</sup>, e nesta perspectiva analisa a funcionalidade do excretar – tido como um regulador do equilíbrio dos humores – associado a objetos tais como as escarradeiras (Figura 1) ou ao uso do rapé, para espirrar. Ademais, do ponto de vista metodológico, este texto sinaliza como a interpretação arqueológica pode – e deve – integrar achados arqueológicos exumados em escavações, muitas vezes fragmentários, e peças de coleções museológicas não oriundas do substrato arqueológico, com exemplares muitas vezes mais integrais.

---

5. Galeno de Pérgamo (129-217 d.C.) foi um médico grego da corte do imperador Marco Aurélio, do séc. II EC. Atuou diretamente em Roma quando da eclosão da Peste Antonina.

*Figura 1 – Imagem ilustrativa de uma escarradeira em faiança fina com decoração floral policromada pintada a mão.*



**Fonte:** ES Leiloeira – Eucília Soares. Leilão realizado em 23/03/2015. Disponível em: <https://www.lilileiloeira.com.br/peca.asp?ID=1314951>. Acesso em: 02 set. 21.

Dez anos após a publicação do texto da Tânia Andrade de Lima, que consideramos a primeira arqueóloga a desenvolver um modelo interpretativo aplicado ao tema da saúde sob a ótica da Arqueologia histórica, outros pesquisadores retomam esse assunto, porém de forma mais específica, ou seja, questões de saúde ou cuidados pessoais são abordadas para dar conta da análise de coleções e interpretação de tipologias materiais e de contextos arqueológicos. Nesse sentido temos em 2006 a dissertação de Zeli Terezinha Company, intitulada “Os Salvadores das garras da morte: medicamentos populares, medicina humoral em Bom Jesus/RS (1898-1927)”. Nesse trabalho, a autora analisa uma coleção de frascos de remédios provenientes da escavação arqueológica realizada no sítio RS-NA-03 em 2002 na cidade de Bom Jesus, no Rio Grande do Sul e, a partir desses, investiga “a permanência de uma antiga teoria médica: a Teoria dos Humores, durante o período alcunhado de República Velha, ou seja, entre 1889 a 1928” (COMPANY, 2006, p. 15). Em 2011, Company participou da equipe de salvamento arqueológico, coordenada

pelo arqueólogo Alberto Tavares, previamente à implantação do Centro Histórico-Cultural Santa Casa de Porto Alegre. A partir dessa intervenção, que resultou em uma coleção significativa de frascos de remédio em estado fragmentário ou integral, a autora retomou o tema da saúde e das doenças sob o olhar da Arqueologia. Ela desenvolveu sua tese de doutorado intitulada “Procurando bem todo mundo tem pereba: práticas e recursos de cura a partir da cultura material na Porto Alegre do século XIX (1815-1898)”, em que incluiu, além do material exumado no sítio Santa Casa de Misericórdia e Centro Histórico-Cultural Santa Casa (RS-JA-29), outros quatro sítios históricos da capital gaúcha: Casa da Riachuelo (RS-JA-17), Solar da Travessa Paraíso (RS-JA-03), Paço Municipal (RS-JA-20) e Mercado Público Central (RS-JA-05).

Ainda em 2011, temos mais um trabalho voltado à análise de frascos de medicamentos e, por consequência, à saúde. Diego Antônio Gheno, em sua monografia de conclusão do curso de História, “escava” um “sítio arqueológico superficial”, resgatando do porão da Casa Comercial de Arnaldo Fensterseifer, localizada em Roca Sales/RS, uma coleção de recipientes de vidro, a maioria ainda com rótulos. Em sua pesquisa, através da análise arqueológica desses recipientes, o autor identificou que a maioria era de medicamentos, e, por isso, “foi possível lucubrar sobre algumas práticas de saúde peculiares em Fazenda Lohmann, Roca Sales/RS. Nesse âmbito, destacam-se as continuidades das práticas de saúde do século XIX” (GHENO, 2011; GHENO, SANTOS, & MACHADO, 2016).

Outra arqueóloga que aborda o tema é Naira Lorena de Oliveira Veras. Em sua dissertação de mestrado com o título “Práticas de Saúde e Modernidade na Cidade de Parnaíba, Piauí (1850 a 1930): um estudo arqueológico”, a autora tenta compreender

práticas de consumo voltadas para a saúde na cidade de Parnaíba, percebendo sua inserção no sistema capitalista, a adoção do modo burguês e o desenvolvimento de concepções modernas, calcadas no pensamento positivista, que consolidará o discurso científico dos farmacêuticos na transição para o século XX, em oposição aos curandeiros e boticários (VERAS, 2014, p. 8).

O estudo de Veras é realizado sob a ótica da Arqueologia Interpretativa a partir da coleção de frascos de medicamentos da Pharmacia do Povo, atual Museu Pharmacia do Povo, localizada na cidade de Parnaíba, no estado do Piauí.

Como vemos, o tema da saúde explorado a partir de coleções arqueológicas, principalmente de recipientes de vidro, teve algumas poucas, mas importantes contribuições ao longo dos últimos anos. Vemos ainda o quanto o modelo interpretativo delineado por Tânia Andrade Lima, pressupondo a herança de uma tradição médica reminiscente da Antiguidade grega, tem influenciado a produção referente à Arqueologia da Saúde em nosso país.

Em contextos arqueológicos históricos é raro não resgatarmos objetos relacionados à saúde e aos cuidados de si (higiene e beleza). No entanto, esses fragmentos em poucas ocasiões alavancam pesquisas focadas em particular na saúde, com raras exceções, como as citadas acima.

### ***Patrimônio arqueológico da saúde***

O patrimônio arqueológico refere-se a toda e qualquer materialidade representante das atividades relacionadas ao dia a dia dos indivíduos e das sociedades pretéritas, e se dá a evidenciar a partir dos testemunhos imóveis – estruturas edificadas ou depósitos arqueológicos – e móveis – objetos. Os testemunhos móveis podem ser divididos em dois grupos quanto a sua natureza: os biofatos, em que se incluem vestígios animais (inclusive humanos) e vegetais associados aos seres humanos, e vestígios que resultam da ação humana, nomeadamente os artefatos (os objetos criados pelo ser humano).

Na arqueologia da saúde, entre os biofatos, em especial as evidências ósseas de remanescentes humanos são reveladoras de aspectos da saúde, tais como doenças, desgastes ósseos decorrentes de rotina de trabalho, causa mortis – natural ou por violência – e mesmo epidemias. Não trataremos desta tipologia aqui, mas há todo um rol de disciplinas que se desenvolvem, que olham particularidades distintas dessas evidências. Poderíamos listar: a bioarqueologia; a antropologia forense, área que tem avançado muito, em parceria com outros profissionais, por exemplo nos estudos do passado

recente das ditaduras militares do Cone Sul; arqueologia médica, como o caso das múmias egípcias submetidas a exames radiológicos e mais recentemente de tomografia; e, uma disciplina mais nova que tem trazido contribuições muito significativas, a arqueogenética. Hoje compreendemos, por meio da análise de múmias, que ocorriam surtos periódicos de malária no Egito no período pós-cheias do Nilo, sendo uma das possíveis causas da morte de Tutancâmon (SANTOS, 2022, p. 57–58).

Como testemunhos imóveis temos, em primeiro lugar, as estruturas edificadas, tais como hospitais, casas de saúde, sanatórios, leprosários, manicômios, mas também poderiam entrar nesta categoria farmácias, boticas, enfim toda sorte de estabelecimento comercial ou manufatureiro, que venda ou produza medicamentos ou afins. Trata-se aqui de evidências de natureza arquitetônica, as quais podem ser objeto de intervenções e leituras arqueológicas, e pode se apresentar em cota positiva (prédios conservados, muitas vezes alvo de restaurações) ou em cota negativa (vestígios conservados no subsolo). As ruínas do edifício da Enfermaria Militar de Jaguarão se enquadraram na categoria de cota positiva, mas ao mesmo tempo tem vestígios em seu subsolo, como veremos a seguir.

Em segundo lugar temos as estruturas fixas, conservadas nos sítios arqueológicos, as chamadas lixeiras. Estas podem ser de natureza diversa. Contamos com um tipo bem específico, que são as lixeiras hospitalares, geradas por instituições de saúde, as quais possuem um volume fantástico de evidências relativas à cultura material da saúde, apesar de que estas comumente se encontrem em estado muito fragmentário – é o caso da lixeira gerada pelas atividades da Enfermaria Militar. Vale ressaltar, porém, que também lixeiras não geradas em espaços hospitalares, como lixeiras domésticas e coletivas, como é o caso do “lixão” encontrado sob a atual Praça Cel. Pedro Osório em Pelotas, podem conter sim um volume não desprezível de objetos relativos aos cuidados da saúde da população, como veremos logo adiante.

Os artefatos, representantes dos testemunhos móveis de natureza inanimada, são as coisas que os museólogos classificam como objetos tridimensionais e que, na arqueologia da saúde dividimos em duas categorias, os objetos relativos aos cuidados de si (incluindo frascos de perfumes, potes

de creme de barbear ou de dentífrico) e os contendores de remédios e de produtos químicos usados na manipulação de medicamentos.

Aqui temos toda uma gama de objetos ligados aos cuidados de si, ou seja, o viés preventivo da saúde, mas que envolve tanto a higiene quanto a cosmética, a busca da beleza. Quanto à higiene, podemos encontrar vestígios de urinóis ou de escarradeiras; quanto à beleza, frascos de perfumes, como o frasquinho antropomórfico de vidro em formato de uma dama (?), exumado em grande quantidade na Praça Cel. Pedro Osório, em Pelotas (Figura 2). Sobre medicamentos, mesmo as lixeiras domésticas permitem trazer à luz frascos de remédios, boa parte em vidro, mas também em outros materiais, sendo comum, no séc. XIX, os recipientes feitos de louça (faiança fina), como o pote da pomadinha do Dr. Holloways, fabricada em Londres, de que falaremos adiante, que estava na lixeira escavada junto à Residência Conselheiro Maciel, em Pelotas.

*Figura 2 – Frasco de perfume, de vidro, do sítio PSGPe 03 – Praça Cel. Pedro Osório, Pelotas/RS*



**Fonte:** Acervo LEPAARQ/UFPel.

A combinação de testemunhos imóveis e móveis pode ser vista em dois sítios arqueológicos escavados no Rio Grande do Sul, a Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre e a Enfermaria Militar de Jaguarão. Estes, a princípio, são os dois únicos exemplares do que poderíamos classificar como sítio arqueológico hospitalar, os quais analisaremos na sequência.

### ***Lixeira hospital da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre***

O sítio Santa Casa de Misericórdia trouxe à luz uma grande lixeira hospitalar, que foi a primeira a ser pesquisada exaustivamente como tal no país. A quadra onde está localizada a Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre foi objeto de estudos arqueológicos entre 2005 e 2006, realizados em consequência das obras de construção do Centro Histórico-Cultural daquela instituição.

O projeto foi coordenado pelo arqueólogo Alberto Tavares Duarte de Oliveira com colaboração do arqueólogo João Felipe Garcia da Costa. As escavações foram realizadas junto às edificações localizadas na Avenida Independência, no Centro Histórico de Porto Alegre.

O trabalho teve como objetivo o salvamento de possíveis recursos arqueológicos impactados pela obra de engenharia que está revitalizando os prédios. Isso ocorreu devido ao grande potencial arqueológico que possui todo o Centro Histórico da cidade e, em especial, a quadra onde está localizada a Santa Casa. A potencialidade da área está principalmente relacionada à possibilidade de existência de vestígios da fortificação que limitava a cidade no Período Farroupilha e também pela existência de um cemitério (OLIVEIRA, 2009, p. 43).

Este trabalho é considerado, até então, a primeira escavação de um contexto hospitalar, a partir da qual várias pesquisas foram realizadas e muitas informações sobre as práticas médicas do século XIX em Porto Alegre foram coletadas. A escavação ocorreu nas áreas internas e externas de oito edificações geminadas, de um pavimento e com porão alto, construídas no início do século XX. Conforme Oliveira, “as oito casas são as últimas remanescentes dos prédios de aluguel construídos no quarteirão do Hospital e que serviam de fonte de rendimentos para a Instituição” (OLIVEIRA, 2009, p. 42).

O trabalho teve como resultado a exumação de uma grande quantidade de objetos, sendo boa parte de vidros (Figura 3), que permitiu caracterização de uma “lixeira hospitalar”. Segundo Oliveira, análise desse material poderá contribuir com inúmeras informações, tais como:

[...] o cotidiano do Hospital, a alimentação dos pacientes, os remédios utilizados e as práticas médicas, a comparação disso com o ensino de medicina que estava iniciando na cidade, o comércio dos produtos farmacêuticos, entre outros tantos olhares que este material recuperado provoca ( 2009, p. 52).

*Figura 3: Conjunto de vidros coletados nas escavações da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre.*



Fonte: Oliveira *et al.*, 2009, fig. g.

### *Lixeira hospitalar da Enfermaria Militar de Jaguarão*

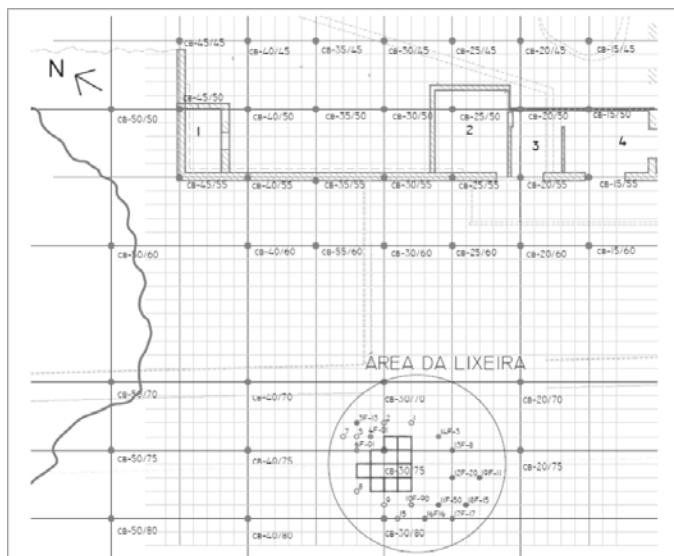
A Enfermaria Militar foi construída no local denominado “Cerro da Pólvora” em 1880. Tinha como finalidade atender oficiais e praças do exército local e da região (FRANCO, 2001). No entanto, as informações orais atestam que, pelo menos nos últimos anos de funcionamento, a Enfermaria atendia à população em geral, principalmente a população de baixa renda. No momento de sua construção, o prédio ficava distante do núcleo urbano localizado próximo ao rio Jaguarão. Sua localização provavelmente foi pensada para

diminuir os riscos de contágio de doenças, ao mesmo tempo em que oferecia um ambiente arejado e tranquilo (VERGARA CERQUEIRA; PEIXOTO; ZORZI, 2013).

O salvamento arqueológico na Enfermaria Militar de Jaguarão foi a primeira etapa do projeto de implantação do Centro de Interpretação do Pampa, que previa o restauro das ruínas da Enfermaria Militar e a criação de equipamentos culturais com financiamento do Programa Brasil Patrimônio Cultural (PEIXOTO; VERGARA CERQUEIRA, 2011).

Um dos resultados da etapa de pesquisa arqueológica e “salvamento” da cultura material foi a identificação de uma grande concentração de materiais, que podemos caracterizar como “lixeira”. Esta caracterização foi feita a partir da análise estratigráfica que evidencia o padrão de descarte. Esta lixeira ocupa uma área de aproximadamente 40 m<sup>2</sup> e está localizada no limite sul (atual Rua Maurity) do terreno, sendo que destes apenas 12m<sup>2</sup> foram escavados de modo sistemático (Figura 4), com abertura de um total de 12 quadrículas, de 1m x 1m, até a profundidade máxima de 1 metro (PEIXOTO; VERGARA CERQUEIRA, 2011).

*Figura 4: Croqui de localização da área da lixeira.*



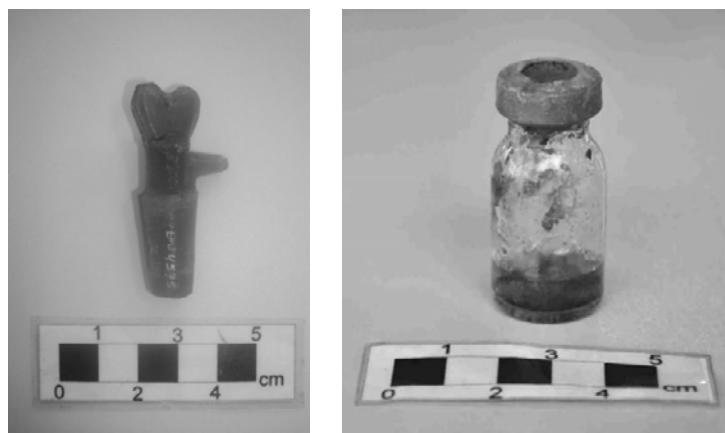
**Fonte:** PEIXOTO; VERGARA CERQUEIRA, 2011.

Apesar de a lixeira estar diretamente relacionada à Enfermaria Militar, a totalidade dos achados não se resume à categoria hospitalar, uma vez que no prédio eram desenvolvidas diversas atividades relacionadas aos cuidados com os enfermos, como preparação e distribuição de refeições e produção de medicamentos, afora necessidades da vida diária daqueles que trabalhavam e moravam no local. Além disso, ao longo do tempo, o prédio foi usado parcial ou integralmente para outros fins, como escola, capela, residência de militares, e até mesmo, como apontam informações orais, como prisão política durante o período da ditadura. Sendo assim, a lixeira é representativa de uma variedade de atividades, a maioria delas representada na cultura material evidenciada nesta lixeira (PEIXOTO; VERGARA CERQUEIRA, 2011).

No conjunto material da Enfermaria podemos encontrar vestígios que nos remetem aos cuidados específicos com a saúde, à produção de medicamentos, assim como cachimbos e louças, que nos remetem a hábitos da vida diária. Os cuidados específicos com a saúde estão caracterizados pelos frascos de remédio, por instrumentos como termômetros e seringas e pela vidraria de farmácia, tanto pelos equipamentos de laboratório como pelos contendores de produtos químicos usados na fabricação dos medicamentos. A existência de uma farmácia de manipulação é evidente não só pela cultura material, mas também pelos depoimentos que indicam inclusive a localização dos laboratórios no setor sul do prédio.

Boa parte do material resgatado no sítio Enfermaria Militar não traz informações específicas sobre procedência, finalidade ou datação, como no caso da tampa de um frasco conta-gotas e de um frasco de medicamento injetável mostrados nas imagens abaixo (Figura 5a-b). São objetos que nos trazem informações genéricas, ainda que úteis, que podem ser compreendidas na medida em que suas características os vinculam a objetos com funções já conhecidas.

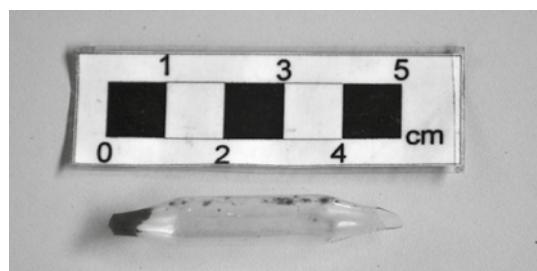
*Figura 5a-b: Tampa de frasco conta-gotas (esquerda) e frasco para medicamento injetável (direita)*



**Fonte:** Acervo Enfermaria Militar de Jaguarão. LEPAARQ/UFPel.

Em alguns casos, informações valiosas nos chegam ao acaso e de modo informal, ajudando a compreender um pouco mais sobre a dinâmica do sítio arqueológico. Em visita ao Museu da Farmácia Natura (Pelotas/RS), tivemos a informação de que boa parte dos medicamentos injetáveis utilizados eram envasados no próprio laboratório farmacêutico dos hospitais ou das enfermarias. O farmacêutico além de preparar a mistura química, manipulava no fogo um tubo de vidro que era transformado na ampola (Figura 6).

*Figura 6: Ampola de medicamento injetável produzida na Enfermaria.*



**Fonte:** Acervo Enfermaria Militar de Jaguarão. LEPAARQ/UFPel.

Já outros recipientes vítreos encontrados, no entanto, nos fornecem informações mais específicas, inscritas no vidro, como por exemplo a ampola de “soro nevrostênico” (Figura 7), medicamento usado por longo período entre final do século XIX e primeira metade do XX, para tratar doenças nervosas, casos de fadiga e falta de apetite, entre outras. Nas “Consultas da Semana”, da “Clínica Médica d’O Tico-Tico”, coluna assinada pelo Dr. Durval de Brito, ele prescreve a um paciente de Rio Claro identificado com as iniciais M. G., que se façam “por semana, 3 injecções intra-musculares empregando o serum nevrostenico de Fraisse”<sup>6</sup>, fabricado por esse renomado laboratório parisiense<sup>7</sup>, que o recomendava em geral, segundo o *Annuario sanitario d’Italia* de 1904, para o “tratamento das discrasias nervosas”<sup>8</sup>, e, conforme o *Boletin oficial de la Propiedad Industrial* de Cuba de 1941, para o “tratamento da astenia e das afecções neuropáticas” – como se lê no rótulo do frasco com que se vendia a época, “*Contre l’ASTHÉNIE et en générale toutes les Affections névropathiques*”<sup>9</sup>.

- 
6. *O Tico-Tico*, Rio de Janeiro, ano XXI, n. 1077, 27 maio 1926, p. 7. Acervo Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/153079/per153079\\_1926\\_01077.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/153079/per153079_1926_01077.pdf) Acesso em: 11 fev. 2023.
7. G. & M. Fraisse. “Laboratoires Fraisse. Père et fils. Pharmaciers”. Paris.
8. *Annuario Sanitario d’Italia*, IV. Anno 1904, pr. LXIII. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?id=ZfQhF-m1MGAC&pg=RA3-PT5&lpg=RA3-PT5&dq=nevrosteno+de+Fraisse&source=bl&ots=CeSw4zG1fZ&sig=AcFu3U2bMYs6gWN8K5wfX-ueoHMRKckN3w&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwjox5W\\_w079AhXgILkGHf2-Di4Q6AF6BAGJEAM#v=onepage&q=nevrostenico%20de%20Fraisse&f=false](https://books.google.com.br/books?id=ZfQhF-m1MGAC&pg=RA3-PT5&lpg=RA3-PT5&dq=nevrosteno+de+Fraisse&source=bl&ots=CeSw4zG1fZ&sig=AcFu3U2bMYs6gWN8K5wfX-ueoHMRKckN3w&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwjox5W_w079AhXgILkGHf2-Di4Q6AF6BAGJEAM#v=onepage&q=nevrostenico%20de%20Fraisse&f=false) Acesso em: 11 fev. 2023.
9. *Boletin oficial de la Propiedad Industrial. Ministerio de Comercio*. Año XXXIV. La Habana, enero de 1941, n. 54. Havana, 1941, p. 227. Disponível em: [https://www.google.com.br/books/edition/Bolet%C3%ADn\\_oficial\\_de\\_la\\_Oficina\\_Nacional/b8nOmAwniskC?hl=pt-BR&bpv=i&dq=nevrostenique+de+Fraisse&pg=RA1-PA227&printsec=frontcover](https://www.google.com.br/books/edition/Bolet%C3%ADn_oficial_de_la_Oficina_Nacional/b8nOmAwniskC?hl=pt-BR&bpv=i&dq=nevrostenique+de+Fraisse&pg=RA1-PA227&printsec=frontcover) Acesso em: 11 fev. 2023.

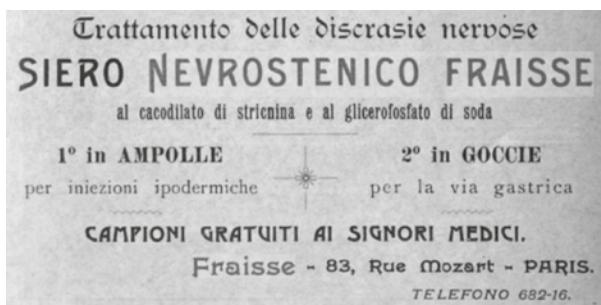
*Figura 7: Ampola do “Soro Nevrosténico”*



**Fonte:** Acervo Enfermaria Militar de Jaguarão. LEPAARQ/UFPel.

Conforme o anuário italiano, o *Siero Nevrostenico Fraisse* (Figura 8) contém cacodilato de estricnina e glicerofosfato de sódio, e era comercializado em frascos, para tomar em gotas pela via gástrica, e em ampolas, para injeção subcutânea, do mesmo modo como o exemplar encontrado na Enfermaria Militar. Entretanto, a grafia sobre a ampola encontrada em Jaguarão, NEVROSTÉNICO, não sugere a importação do mundialmente conhecido medicamento francês receitado pelo médico carioca, mas a produção deste tônico por um laboratório brasileiro ou, mais provavelmente, de um país de língua espanhola.

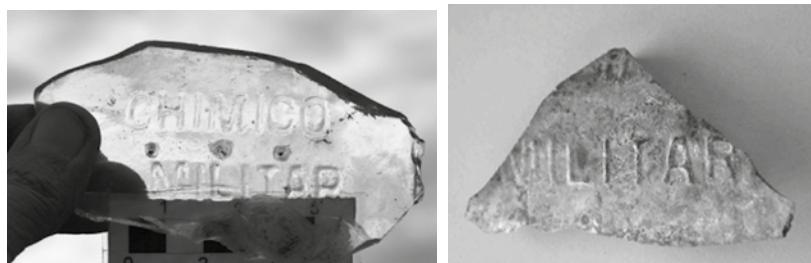
*Figura 8: Anúncio do “Soro Nevrostênico”*



**Fonte:** Annuario Sanitario d'Italia, IV. Anno 1904, pr. LXIII.

Muitos fragmentos têm inscrições que remetem ao laboratório químico farmacêutico militar (Figura 9), sediado no Rio de Janeiro, que era o distribuidor de grande parte dos medicamentos e dos insumos para o laboratório da Enfermaria.

*Figura 9: Fragmentos de frascos de remédio com a inscrição “chimico militar” e “militar”.*



**Fonte:** Acervo Enfermaria Militar de Jaguarão. LEPAARQ/UFPel

Segundo o *Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930)*:

Em 1887, de acordo com o decreto nº 9.717 de 5 de fevereiro, a instituição apresentava suas funções ampliadas, tendo por objetivo “preparar os compostos químicos e farmacêuticos necessários ao Serviço de Saúde do Exército e fornecer às farmácias militares, ambulâncias de forças expedicionárias, estabelecimentos militares em geral e a outros destinos que forem determinados pelo Ministério da Guerra” (art.1º). Face a todos esses encargos, o estabelecimento passou a denominar-se Laboratório Químico Farmacêutico Militar (BOTICA REAL MILITAR, [s. d.]).

No entanto, temos ainda uma grande quantidade de materiais que informam sobre o uso de produtos importados, tanto na categoria dos equipamentos do laboratório quanto na dos remédios. Os vidros, quando possuem os dados do produto inscritos, por incisão ou em relevo, apresentam uma vantagem do ponto de vista arqueológico, relativamente a produtos cujos dados constam em rótulos em papel. Os rótulos tendem a não se conservarem no substrato arqueológico, ao passo que os vidros guardam a informação. Mesmo que em fragmentos que conservam apenas parcialmente os dados, a busca na *internet* hoje pode trazer bons resultados para alavancar a pesquisa.

Dois exemplos são um cálice graduado com a inscrição J. Rousseau (Figura 10) e o fundo de uma garrafa de água “Hunyadi János”. Para as viderarias e materiais de farmácia “Julien & Rousseau”, vindos da França,

encontramos referência em anúncios de jornais da década de 1930 (Figura 11), que informam sobre a disponibilidade desses produtos importados.

*Figura 10: Cálice graduado com inscrição “J. Rousseau”*



**Fonte:** Acervo Enfermaria Militar de Jaguarão. LEPAARQ/UFPel.

*Figura 11: Anúncio de produtos de Julien & Rousseau, de Paris*

**Sociedade Enila Ltda.**

Correspondente de JULIEN & ROUSSEAU, de Paris.  
— AGENCIAS DE CASAS FRANCESAS —

Produtos Químicos, Instrumentos de  
Drogas, Cirurgia,  
Acessórios de Vidraria,  
Farmacia. etc.

**Rua General Camara, 174**  
**RIO DE JANEIRO**

Tel. 24-6231 - End. Tel. ENILA - Códigos: Lieber, A. Z. e Bibeiro

**Fonte:** Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial (RJ). 1936, p. 262 (Representações). Acervo da Biblioteca Nacional Digital<sup>10</sup>.

<sup>10</sup>. Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/313394/per313394\\_1936\\_Aooo92.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/313394/per313394_1936_Aooo92.pdf). Acesso em: 11 fev. 2023.

Em um fragmento de vidro encontrado na Enfermaria Militar lê-se: SAXLEHNER'S BITTERQUELLE. HUNYADI JANOS. Trata-se de um fundo de garrafa, que assim podemos identificar como parte de uma garrafa da água mineral “Hunyadi János” (Figura 12), usada como medicamento, por ser “depurativa”, sendo indicada para tratamento de alguns males do estômago e para a constipação. A bebida era uma água mineral proveniente da localidade de Often, situada no então Império Austro-Húngaro. Tanto o nome da fonte como o retrato do rótulo são do herói nacional húngaro Hunyadi János (1406-1456), que, entre seus feitos militares, é lembrado por suas vitórias decisivas sobre os turcos otomanos.

*Figura 12: Fundo de garrafa de água mineral purgante encontrado no sítio Enfermaria Militar.*



**Fonte:** Acervo Enfermaria Militar de Jaguarão. LEPAARQ/UFPel. <https://www.peachridgeglass.com/2015/02/is-the-hunyadi-janos-saxlehners-bitterquelle-a-bitters-bottle/>

Apesar de aparecer a palavra *bitter* (“amargo”, em alemão) como parte de sua denominação, que sugeriria uma associação com as bebidas licoradas amargas, era na verdade uma água mineral natural e, segundo o fabricante, tinha efeito purgativo (SANTOS, 2009, p. 121). Na época, empregava-se em

alemão o termo *Bitterquelle* (literalmente, “fontes amargas”) para designar as fontes de águas minerais que possuíam efeitos curativos, daí a designação atual Heilquelle (“fontes de cura”). Onde lemos SAXLEHNER’S BITTERQUELLE, a informação é “Fontes de Água Mineral de Saxlehner”, que indica o nome do primeiro proprietário, Andreas Saxlehner, que explorou esta fonte de água próxima a Budapeste, em uma propriedade que ele adquiriu em 1863, vindo a envasá-la para comercialização dez anos mais tarde. Passado pouco mais de uma década, em 1885, já se podia comprar em farmácias do Maranhão a água mineral húngara<sup>11</sup>. Na hebdomadário *Brasil-Médico* de 1900, a “água purgativa natural” é anunciada como o “typo mais perfeito dos purgativos salinos. Empregado com o maior êxito por mais de 25 anos nas duas Américas”. Alerta para “desconfiar das falsificações” e que a “dóse regular” é um “copo de vinho”<sup>12</sup>. A eficiente propaganda em jornais e almanaques (Figura 13), em que se nota também a qualidade do design (MEYER V, 2015), assim como a presença de seus vestígios em escavações arqueológicas realizadas em vários países, indicam a alta circulação e o consumo mundial do produto em diferentes continentes (SCHÁVELZON, 2005).

---

11. *O Paiz. Orgão Especial do Comercio.* Anno XXIII, 2<sup>a</sup> série, n. 480, São Luís, 10 dez. 1885. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=704369&pagfis=8696&url=http://memoria.bn.br/docreader> Acesso em: 12 fev. 2023.

12. *Brasil-Médico. Revista Semanal de Medicina e Cirurgia.* Anno XIV, n. 21, Rio de Janeiro, 1 jun. 1900, p. 6. Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/081272/pero81272\\_1900\\_21-00024.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/081272/pero81272_1900_21-00024.pdf) Acesso em: 12 fev. 2023.

*Figura 13: Material gráfico publicitário da Água Purgativa Natural Hunyadi János, produzido para a venda em diversos países e em diversos idiomas (da esquerda para a direita, cartão postal, rótulo e anúncio).*



**Fonte:** MEYER V, 2015.

Diante dos achados arqueológicos em Buenos Aires de garrafas da água mineral húngara da Bitterquele (fonte) de Saxlehner, Daniel Schávelzon esclarece alguns aspectos, retomando pontos abordados acima, como o proprietário, a razão da denominação, o tipo de produto, sua circulação mundial e estratégias de marketing:

Andreas Saxlehner nacido en Pest en 1815 y fallecido en Budapest en 1889. La empresa siguió en manos de su esposa y luego su hijo Kalman, de ahí el plural en el apellido impreso en la botella<sup>13</sup>. [...] Resulta interesante la historia de estas botellas ya que el nombre parecería indicar que su contenido es un Bitter (lo que aquí llamamos “Amargo” y sus derivados, siempre de extracción vegetal, desde el Campari, el Cinzano, el Fernet y decenas de otras marcas), pero el fabricante sólo envasaba agua mineral desde cerca de 1873. El problema surge de los idiomas y sus traducciones por que los Bitter son una tradición de Estados Unidos, mientras que Salz (sal) en alemán y en la región de los Balcanes de donde provenía este producto la palabra “salzquelle” (que era el contenido) es en realidad un simple sulfato de magnesio, una sal transparente con muchísimos usos industriales pero medicamente un buen laxante, ese era todo el poder curativo que tenía y la publicidad hacía insistencia en esa propiedad. [...] Su venta fue de escala mundial, logró exclusividades hasta en Europa y las peleó en Estados Unidos para usar “agua mineral” sólo para su producto y se vendió masivamente gracias a una excelente campaña publicitaria. (SCHÁVELZON, 2005).

Representando o consumo dos produtos importados e por estarem classificados na categoria “cuidados de si”, incluímos neste estudo os perfumes, de que trazemos aqui o exemplo de um frasco encontrado na Enfermaria de Jaguarão (Figura 14). O frasco, bastante pequeno, é de uma *eau de parfum*. Quer dizer, um perfume de maior qualidade e provavelmente maior preço, pois possui maior concentração de fragrância em seu frasco, resultando de uma maior concentração de óleos essenciais, assim sua ação permanecendo por mais tempo, por demorar mais para evaporar; é mais indicada para

---

13. Aqui Schávelzon se equivoca, visto o “s” não indicar o plural, mas sim o genitivo, indicando que a fonte de água mineral é de propriedade do Saxlehner.

a noite e para os climas frios, em comparação com a *eau de toilette*, mais própria ao calor. De fato, os invernos jaguarenses podem ser bastante frios para padrões brasileiros, e mais ainda no início do século XX.

*Figura 14: Frasco de eau de perfume da marca francesa L. Plassard.*



**Fonte:** Acervo Enfermaria Militar de Jaguarão. LEPAARQ/UFPel

As inscrições conservadas no vidro nos permitiram identificar que se trata de um perfume da *Parfumerie L. Plassard*, de Paris, França. De acordo com a estudiosa de perfumes Grace Hummel, a fábrica original foi fundada em 1815, com o nome de Demarson (François Demarson foi o primeiro proprietário), variando posteriormente sua denominação, conforme se deram rearranjos societários. Era uma casa de perfumes e cosméticos digna de nota, destacando-se inclusive por suas apresentações: alguns de seus frascos eram de cristal Baccarat. Em 1894 foi adquirida por Louis Plassard, que assim renomeou a empresa tradicional com seu nome, que se manteve até 1910. A perfumaria participou durante vários anos, entre 1819 e 1889 da Exposição Universal, angariando inúmeras medalhas por seus perfumes e sabonetes, ainda como Damerson, Damerson-Chételat ou Chételat-Hubault. Já como Plassard, recebe medalha em 1895 na Exposição de Amsterdã e em Bruxelas é condecorada com o ouro (HUMMEL, 2014). Em 1908 participou da exposição Franco-Britânica em Londres, como indicado na fotografia

publicada no *Bulletin scientifique et industriel de la Maison Roure-Bertrand fils de Grasse* (Figura 15). O perfume de Jaguarão deve ter sido produzido entre 1894 e 1910.

*Figura 15: Quiosque de perfumes franceses na Exposição Franco-Britânica de 1908 em Londres, com vitrine da Perfumerie Erizma (esquerda) e da Perfumerie L. Plassard (direita).*



Fonte: HUMMEL, 2014.

### *As lixeiras coletivas*

Os sítios arqueológicos denominados “lixeiras coletivas” são bons exemplos da possibilidade de identificação de materiais relacionados

diretamente à saúde, tanto que alguns desses sítios foram objeto das publicações apresentadas acima, ao delinearmos o estado da arte deste campo de estudos, como é o caso do Mercado Público Central de Porto Alegre (COMPANY, 2011).

Gostaríamos de destacar, como exemplo da potencialidade desses contextos arqueológicos, os trabalhos realizados nos sítios “Praça Coronel Pedro Osório” e “Residência Conselheiro Maciel – Casa 8 – Pelotas/RS”. O primeiro sítio foi alvo de três campanhas de escavação ao logo da década de 2000 (2004, 2005, 2006/2007). O segundo foi escavado em 2002, durante a realização das obras de restauro, e, mesmo referenciado a uma residência construída em 1878, revelou uma lixeira coletiva ativa entre a década de 1830 e a data da construção da casa. Estes trabalhos foram realizados pela equipe do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas – LEPAARQ/ICH/UFPel – sob coordenação do arqueólogo Fábio Vergara Cerqueira, no âmbito do Programa Monumenta.

Trazemos aqui alguns exemplos da cultura material relacionada à saúde que evidenciamos nestas lixeiras coletivas, exemplos que suscitam algumas considerações. Antes disso, é necessário esclarecer que o sítio arqueológico “Residência Conselheiro Maciel” apresentou dois contextos de deposição: o primeiro relacionado à lixeira coletiva, formada antes da construção da casa, ou seja, contemporaneamente à formação da lixeira da Praça Cel. Pedro Osório; já o segundo contexto é relativo à lixeira doméstica formada durante o primeiro período de uso da casa, posterior a 1878.

A primeira consideração é que a lixeira da praça nos possibilitou conhecer uma quantidade fabulosa de vidros usados como garrafas de bebidas, frascos de líquidos ou óleos. Por sinal, segue uma regra geral, em se tratando de vestígios arqueológicos farmacêuticos, pois de longe predominam os vidros, como é regra nas lixeiras hospitalares (Figura 16). Contudo, uma excepcionalidade dessa lixeira coletiva de Pelotas é a grande quantidade de vidros muito bem conservados – o que é bem incomum em se tratando de lixeiras, por serem usadas e reusadas por muito tempo, sendo remexidas com frequência.

*Figura 16 – Conjunto de frascos de remédio do sítio Praça Coronel Pedro Osório*



Fonte: Acervo LEPAARQ/UFPel.

Outro aspecto a se observar é o quanto esses vidros constituem um testemunho de extrema relevância para a história da indústria farmacêutica, inclusive da indústria local. Podemos aqui destacar dois frascos de vidro que exemplificam a pujante produção farmacêutica pelotense entre fins do século XIX e início do século XX, com projeção nacional, tema que ainda não foi objeto de estudos históricos ou arqueológicos pormenorizados.

O primeiro que analisaremos é um frasco do “Peitoral Cambará” (Figura 17) encontrado na lixeira da Praça Cel. Pedro Osório. Os peitorais eram, seguidos dos vinhos, os produtos mais comuns para tratamento das doenças respiratórias. Para Company (2011, p. 205), o termo “peitoral” em si já indicava credibilidade. Vale observar que relatórios e artigos relacionados a sítios históricos de diferentes regiões do país informam a presença deste medicamento, que era produzido por uma indústria pelotense, de José Alvares de Souza Soares.

*Figura 17: Frasco de “Peitoral Cambará” com a inscrição: Peitoral de Cambara. Soares. Homeopatha.*



Fonte: Sítio Praça Coronel Pedro Osório. Acervo LEPAARQ/UFPel.

O “Peitoral de Cambará” era anunciado em jornais de várias partes do país desde o final do século XIX, com frequência usando como estratégia de *marketing* o testemunho de médicos renomados e de doentes convalescidos como fator de credibilidade. Além disso, para tais depoimentos, a propaganda costuma ocupar um espaço muito amplo da página dos jornais, se comparado aos reclames de outros medicamentos. Assim, no *Cearense* de 1891 o anúncio ocupa uma página inteira, de um total de quatro páginas do periódico, e inicia afirmando: “Contra factos, não há argumentos”. E, para comprovar a sua “efficacia, constantemente provada em curas brilhantes extraordinarias”, pois, “póde-se afirmar na mais absoluta segurança que a reputação deste medicamento está firmada”, o periódico de Fortaleza arrola “os attestados dos distinctos medicos e pessoas curadas”, em um total de quinze depoimentos, que dão conta de curas bem sucedidas a doenças como “tosse com escarros de sangue”, “bronchite e rheumatismo”, “bronchite chronica”, “grave doença de peito”, “tuberculose pulmoral”, “constipação e tosse”, além da proeza de “duas curas em poucos dias”. Um habitante de Santa Vitória do Palmar fala da cura de uma rouquidão de que padeceu por três meses<sup>14</sup>.

Em um reclame de 1908, publicado no *Diário de Santos* (Figura 18), que transcrevemos a seguir, recorre-se a outros argumentos em prol da credibilidade do produto, como os prêmios recebidos e que sua venda se dá em todo o Brasil e em alguns países da América do Sul:

Descobertas e Preparação de José Alvares de Souza Soares  
(De Pelotas)

Esta utilissima e conhecida preparação medicinal, que se acha aprovada pela Exma. Junta Central de Hygiene Publica, auctorizada pelo Governo Geral e premiada com duas medalhas de ouro de 1<sup>a</sup> classe pela Academia Nacional de Pariz e Jury da Exposição Brazileira Allemã, é altamente recomendado por um grande numero de médicos para a cura radical das enfermidades do peito e vias respiratórias.

O PEITORAL DE CAMBARÁ, pela sua eficácia provada em milhares de experiências que hão surtido os mais satisfactorios e duradouros

14. *Cearense. Órgão Democrático*. Anno XLV, n. 101. Fortaleza, 16 maio 1891, p. 4. Acervo Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/709506/per709506\\_1891\\_00101.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/709506/per709506_1891_00101.pdf) Acesso em 12 fev. 2023.

resultados, é hoje grandemente usado em todos os Estados do Brazil e em alguns dos mais paizes da América do Sul.

Vende-se, a 2\$500 o frasco, 13\$000 meia dúzia e 24\$000 a dúzia, em todas as boas pharmacias e drogarias.

São únicos agentes e depositantes no estado.

Lebre, Irmão & Mello

3- Rua 15 de NOVEMBRO-3

S.PAULO

*Figura 18: Propaganda do Peitoral de Cambará veiculada no jornal santista em 1908.*

**Peitoral de Cambará**  
DESCOBERTA E PREPARAÇÃO DE  
**José Alvarés de Souza Soares**  
(DE PELOTAS)

Esta utilissima e conhecida preparação medicinal, que se acha approvada pelsExmas. Junta Central de Hygiene Publica, autorizada pelo Governo Geral e premiada com duas medalhas de ouro de 1.ª classe pela Academia Nacional de Paris e Jury da Exposição Brasileira Alemã, é altamente recomendado por um grande numero de medicos para a cura radical das enfermidades do peito e vias respiratorias.

O PEITORAL DE CAMBARÁ, pela sua effeacia provada em milhares de experiencias que hão surtido os mais satisfactorios e duradouros resultados, é hoje grandemente usado em todos os Estados do Brazil e em alguns dos mais paizes da América do Sul.

Vende-se, a 2\$500 o frasco, 13\$000 meia dúzia e 24\$000 a dúzia, em todas as boas pharmacias e drogarias.

São únicos agentes e depositarios no estado,

**Lebre, Irmão & Mello**  
3 - RUA 15 DE NOVEMBRO - 3  
S. PAULO

**Fonte:** RUEDA, Waldir. *Santos nos Documentos* (blog)<sup>15</sup>.

O segundo exemplo de remédio comercializado em frasco de vidro é o *Peitoral Angico Pelotense*, de que por exemplo se encontraram fragmentos também em Rio Grande e no sítio “Casa Presser” em Novo Hamburgo (Figura 19; COMPANY, 2011, p. 212).

15. Disponível em: <http://santosnosdocumentos.blogspot.com/2011/03/peitoral-de-cambara-1908.html>. Acesso em: 12 fev. 2023.

*Figura 19 – Fragmento de frasco do Peitoral de Angico Pelotense do sítio “Casa Presser, Novo Hamburgo”. Acervo Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul, Taquara, RS.*



**Fonte:** COMPANY, 2011, p. 213, fig. 48. Foto: Clarisse Jacques.

Orgulhava-se de ser, conforme um anúncio veiculado no *Jornal do Comércio* de Manaus de 1957, “o xarope mais usado nos lares do Brasil”, para combater “imediatamente resfriados, gripes, rouquidão, asma, bronquite e as tosses mais rebeldes”<sup>16</sup> (Figura 20). Assim como o Peitoral de Cambará, o Angico Pelotense era fabricado em Pelotas, sendo comercializado na “Drogaria e Farmácia de Eduardo C. Sequeira”, que iniciou a produção do remédio em 1880, sendo o farmacêutico responsável Domingos da Silva Pinto, formado na Academia de Medicina do Rio de Janeiro (COMPANY, 2011, p. 205-212). Outrora foi exportado e atingiu a marca de cerca de 30.000 vidros anuais. A farmácia localizava-se na rua Andrade Neves, entre Floriano e Lobo da Costa.

<sup>16</sup>. *Jornal do Comércio*, Ano LIII, n. 10453, Manaus, 1957, 24 jul. 1957, p. 14. Acervo Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/170054/per170054\\_1957\\_10453.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/170054/per170054_1957_10453.pdf). Acesso em: 01 set. 2021.

*Figura 20: Anúncio do Peitoral de Angico Pelotense.*



**Fonte:** *Jornal do Comércio*, Manaus, 24 jul. 1957, p. 20. Acervo Biblioteca Nacional Digital<sup>17</sup>.

A neta Vera Vilas Bôas testemunha que o nome mudou para “Drogaria Umicum”, em uma postagem do Facebook de 2017, feita na página do Centro de Educação Ambiental da Mata Atlântica – CEAMA, na qual lemos também vários depoimentos de pessoas que ainda na infância usaram o

17. Disponível em: <https://i.pinimg.com/originals/8c/15/1c/8c151c78fb27d31d29809ea633e5c31e.jpg> Acesso em: 12 fev. 2023.

medicamento, fabricado até aproximadamente 1970, e que relatam bons resultados. A postagem inicial veicula a imagem de um frasco em ótimo estado de conservação (Figura 21), encontrado em 2016 às margens do arroio Sesmaria em São Lourenço do Sul<sup>18</sup>. Na postagem, citam uma conhecida frase de efeito usada no marketing do Angico: “Para a tosse e suas funestas consequencias, uzar sómente Peitoral de Angico Pelotense. É tiro e queda”.

*Figura 21: Frasco do Peitoral de Angico Pelotense, fabricação Pelotas.*



**Fonte:** Página do Projeto CEAMA – Centro de Educação Ambiental da Mata Atlântica. Facebook, 29 jun. 2017.

Na divulgação feita no *Almanach de Pelotas* de 1913, em que está reproduzida uma imagem do frasco, em cujo rótulo está a foto do inventor, o farmacêutico Domingos da Silva Pinto, informa-se a dose correta a ser administrada: 1 colher de sopa 4 vezes ao dia. Esclarece ainda que traz efeito rápido, e em alguns casos com “3 colheradas apenas”, e que age na cura de “Bronchites, Tysica no principio, Tosses, Resfriados, Chatarros do peito, Asthma” (COMPANY, 2011, p. 214, fig. 49)<sup>19</sup>.

Os achados arqueológicos do centro de Pelotas revelaram também uma quantidade bastante expressiva de potes feitos não de vidro, mas de louça, produzidos em faiança, decorados com a técnica de *transfer printing* e datados da segunda metade do século XIX. Houve um momento específico, no final deste século até a segunda década do século XX, em que as taxações sobre o vidro aumentaram (SCHÁVELZON, 2001), resultando em uma opção

18. Disponível em : <https://www.facebook.com/projetoceama/posts/1406755666079365/>

19. *Almanach de Pelotas*. Propaganda, Informações úteis, Variedades. Direção de Ferreira & C. Pelotas: Officinas Typographicas do Diário Popular, 1913, p. 108.

pelo uso da louça para potes de medicamentos. Destinavam-se às pomadas (Figura 21) e medicamentos a serem aplicados a conta-gotas (Figura 22), sobretudo produtos ingleses (nossa pomada é de Londres, e nossos conta-gotas de Manchester e Liverpool), assim como aos cremes dentífricos ou de barbear, no caso, muitos de origem francesa.

*Figura 21: Pote da “Pomada do Dr. Holloway”, resgatado no “Sítio Casa 8 – Residência Conselheiro Antunes Maciel”*



Fonte: Acervo LEPAARQ/UFPel

*Figura 22: Tampas de recipiente em louça para medicamentos a conta-gotas, resgatadas no sítio “Praça Cel Pedro Osório, Pelotas*



Fonte: Acervo LEPAARQ/UFPel

Se as tampas indicam sua proveniência, sobre o pote exumado nas escavações efetuadas no sítio “Residência Conselheiro Antunes Maciel”, o texto inscrito informa o nome do medicamento e a que se destina, além de informar a localização de sua sede em Londres, na Oxford Street:

**HOLLOWAY'S  
OINTMENT**  
**FOR THE CURE OF INVETERATE ULCERS**  
**Bad Legs, Sore Breasts, Sore Heads**  
**GOUT AND RHEUMATISM**

Hoje o estudo desses achados está muito facilitado pela *internet*, e encontramos, sem dificuldade, informações, as quais não localizávamos à época dessas escavações, na primeira década do século atual. Tomemos como exemplo o potezinho de louça com inscrições, encontrado na lixeira da Residência Conselheiro Antunes Maciel, hoje Casa 8, atual Museu do Doce (Figura 21). Essa lixeira, mesmo que sua escavação tenha se dado no pátio e porões desta edificação, provavelmente se trata de uma lixeira anterior à construção da casa – de sorte que na média ela encerra sua atividade com a construção da casa, que se deu em 1878. Portanto, é presumível que seja uma lixeira de uso comum, semelhantemente à da praça. Portanto, são descartes de famílias em geral que habitavam a região central da cidade entre cerca de 1840 e 1878 (quando a casa é construída e o terreno não mais usado como depósito de lixo de uso geral).

Esse recipiente é um pote de pomada, conhecida como *Holloways<sup>20</sup> Ointment*, ou seja, “Pomada do Dr. Holloway”. Esse Dr. Holloway – “Professor” Thomas Holloway – vendeu muito bem esse medicamento, tanto que encontramos exemplares musealizados deste frasquinho em países de diferentes continentes, como nos Estados Unidos, na Nova Zelândia e na Austrália, além da própria Inglaterra, ao passo que em Pelotas as escavações arqueológicas revelaram exemplares no contexto da Residência Conselheiro Antunes Maciel (Casa 8) e da Praça Cel. Pedro Osório (Figura 23).

---

20. Nos recipientes conservados, ocorrem as duas formas, Holloways e Holloway's.

*Figura 23: Fragmento de pote da pomada Dr. Holloway, resgatado no sítio “Praça Cel. Pedro Osório”*



**Fonte:** Acervo LEPAARQ/UFPel

Os exemplares museológicos nos ajudam muito a compreender os fragmentos achados em Pelotas, visto que estão integrais, como o pote idêntico pertencente ao Chertsey Museum, em Londres (Figura 24), encontrado abaixo do piso do Vicariato de São João, em Egham (30 km a oeste de Londres).

*Figura 24: “Holloway’s Ointment”, resgatado no Vicariato de São João, Egham, Inglaterra*



**Fonte:** Londres, Chertsey Museum, Od.176<sup>21</sup>

21. Disponível em: [https://chertseymuseum.org/search\\_collection?offset=20175&item=20333](https://chertseymuseum.org/search_collection?offset=20175&item=20333)  
Acesso em: 14 fev. 2023.

Excepcionalmente bem conservado, o pote de Egham possibilita ler a totalidade do texto que consta no pote: “Holloways Ointment. For the cure of inveterate ulcers, bad legs, sore breasts, sore heads, gout and rheumatism”, que ficaria assim: “Pomada do Dr. Holloway. Para a cura de úlceras inveteradas, para dor nas pernas [ciática?], dores no peito, dores de cabeça, gota e reumatismo”. Trata-se de um excelente exemplo para o estágio de desenvolvimento da medicina e da farmácia da época – que para nosso olhar moderno pode parecer charlatanismo. Mostra um medicamento que teve muita aceitação e sucesso comercial, que era uma espécie de “pomada cura tudo”<sup>22</sup>, conquistando credibilidade de que, com sucesso, atendia a uma terapêutica muito variada!

No site de antiguidades “Antiques – Boutique”, encontramos a mesma pomada comercializada em um outro tipo de pote (Figura 25), composto de tampa e base, à venda no *Aesthetic Antiques*, de Massachussets. A tampa, além do texto indicando o nome do produto, dosagem e local de fabricação, apresenta também uma iconografia associada, que corresponderia à *trademark*, a qual está na lateral dos potes do outro tipo, e que infelizmente não está conservada nos dois exemplares encontrados em Pelotas. Assim, a fotografia publicada pelo *site* do mercado de antiguidades nos permite compreender porque a pomada era conhecida também como “óleo da cobra”: a marca comercial, representada por meio dessa iconografia, compõe-se de uma mulher, sentada e vestindo uma túnica de tipo grego, e uma cobra enrolada em um pilar com uma pira incandescente, a qual bebe de uma taça segurada pela mulher; completa a cena uma criancinha seminua, tipo um *putto* ou *amorino* romano, que segura a placa em que constam alguns dados sobre a pomada. Enquanto o laboratório do “Professor” Holloway se situava na Oxford Street em Londres, o pote de faiança fina foi fabricado no condado de Staffordshire, usando para sua decoração a técnica de *transfer printing* de coloração preta, datando de cerca de 1880.

---

22. *Antiques. Boutique* (*site*). Disponível em : <https://www.antiquesboutique.com/search?q=holloway> Acesso em: 12 fev. 2023.

*Figura 25: Pote da Pomada Holloway's, fabricado no condado de Staffordshire, c. 1880.*



**Fonte:** *Antique.Boutique* (Site de antiguidades)<sup>23</sup>

Note-se que a base que contém a pomada é completamente branca, sem receber qualquer decoração, assemelhando-se assim a algumas bases encontradas em Pelotas (Figura 26). Daí pensamos na possibilidade desta base ser usada também para a Pomada Holloway's. Mas seria uma conclusão apressada, pois existem exemplares arqueológicos e de coleções museológicas e de antiguidades que exemplificam o uso da mesma base para pastas dentífricas e cremes de barbear (Figura 27). Daí concluímos que uma mesma fabricante de faiança pode produzir potes que tenham uma mesma forma, porém usos variados. A aplicação de decoração e informação em *transfer printing*, com texto e logotipia, vai diferenciar estes produtos, se uma pomada, um creme dental ou de barbear.

23. Disponível em: <https://www.antiquesboutique.com/search?q=holloway> Acesso em: 13 fev. 2023.

*Figura 26: Base de pote em faiança fina, branca, para algum creme ou pomada de uso na saúde ou higiene, resgatado no sítio “Residência Conselheiro Antunes Maciel”*



**Fonte:** Acervo LEPAARQ/UFPel

*Figura 27: Fragmentos de tampas de potes para creme de barbear francês, resgatado no sítio “Casa Riachuelo – RS.JA-17”*



**Fonte:** BARETTA, 2009.

Como exposto acima, o registro arqueológico guarda vestígios da

cultura material da saúde não somente por meio de potes e frascos de medicamentos, mas também por meio de objetos ligados aos cuidados de si, para a higiene e beleza. Trazemos aqui alguns exemplos da Praça Cel. Pedro Osório e da Casa 8: em vidro, o frasco de perfume (Figura 2) da Praça Cel. Pedro Osório, e, de faiança, um fragmento de uma escarradeira (Figura 28), da mesma praça, e um urinol razoavelmente bem conservado (Figura 30), da Casa 8.

*Figura 28: Fragmento de escarradeira. Sítio “Praça Cel. Pedro Osório”.*



**Fonte:** Acervo do LEPAARQ/UFPel.

Por sorte, o fragmento exumado de escarradeira, por menor que seja, conserva um pedaço inconfundível, que se repete em várias escarradeiras: o elemento felino, que podemos verificar aqui em uma escarradeira disponível no mercado de antiguidades do Rio de Janeiro em 2015 (Figura 20), decorada com flores, com três pés com garras felinas e cabeças de leão – as bocas de leão formam três aberturas laterais, úteis para a limpeza do interior da peça (LIMA, 1996, p. 96, fig. 7).

*Figura 30: Escarradeira do século XIX.*



**Fonte:** ES Leiloreira – Eucília Soares. Leilão realizado em 23/03/2015<sup>24</sup>.

Em princípio, não localizamos muitos vestígios de escarradeiras nas escavações realizadas em Pelotas, mas é possível que não tenhamos identificado fragmentos, quando em branco e não pertencentes às partes mais características (pés de garras e cabeças de leão e curvatura da parte superior).

<sup>24</sup>. Disponível em: <https://www.lilileiloeira.com.br/peca.asp?ID=697892> Acesso em: 12 fev. 2023.

Tânia Andrade de Lima (1996) analisa com propriedade o quanto o uso das escarradeiras, assim como dos rapés, dizem de uma permanência da medicina humoral hipocrática e galênica, materializada em sua adaptação aos usos e cultura material do século XIX, revelando ainda o quanto havia todo um protocolo de etiqueta social, sendo “chique” a demonstração e mesmo encenação em público, cheia de maneirismos, destes gestos do escarrar e do espirrar.

O urinol exumado na Casa 8 (Figura 30) é pintado à mão livre com motivo floral, no estilo *peasant*, produzido entre os anos 1830 e 1860 (PEIXOTO, 2004, p. 49; Cat. 09; 2009), em uma época em que os lares ainda não dispunham de banheiros, de modo que estava presente, normalmente nos quartos, fazendo parte de um conjunto de três peças: além do urinol, o jarro e a bacia, para lavar o rosto com água fresca pela manhã. Famílias mais abastadas poderiam possuir, entre seu mobiliário, o retrete (Figura 31), que possibilitava fazer uso do penico de modo mais confortável.

*Figura 30: Urinol em faiança fina com decoração pintada à mão com motivo floral – Sítio “Residência Conselheiro Antunes Maciel”, Pelotas*



**Fonte:** Acervo do LEPAARQ/UFPel

*Figura 31: Retrete, com urinol branco no seu interior. Segundo Império, acervo Museu Imperial, Petrópolis.*



**Fonte:** LIMA, 1996, p. 95, foto 1.

### **Conclusão**

O conjunto de evidências analisadas aponta a relevância dos estudos do que chamamos aqui “arqueologia da saúde”, área que tem muito a avançar em nosso país, quer no estudo das estruturas de lixeiras, quer da cultura material associada, cuja investigação se beneficia de uma quantidade razoável de exemplares análogos – de recipientes de medicamentos em vidro ou faiança – presentes em coleções musealizadas e no mercado de antiguidades. Gostaríamos de ressaltar alguns aspectos. A pesquisa arqueológica feita em Pelotas e em outras regiões do país, e mesmo em outros países da América Latina e Caribe, aponta a importância da indústria farmacêutica sediada em Pelotas entre finais do século XIX e primeiras décadas do século XX (incluindo-se aqui a produção de remédios destinados à medicina veterinária). A análise da cultura material presente nas lixeiras domésticas e hospitalares indica um significativo grau de globalização do mercado de medicamentos, capitaneado em boa parte pela Inglaterra, ao passo que a França, em um

mercado igualmente globalizado, é liderança em produtos destinados aos cuidados de si, nomeadamente perfumes e cremes de barbear.

Ao mesmo tempo, o estudo das lixeiras – hospitalares e domésticas – pode contribuir para a compreensão de como evoluiu o sistema de descarte de frascos de medicamentos e de produtos químicos tóxicos, ao passo que as evidências da cultura material agregam para a compreensão da transformação por que passou a medicina na virada de século e primeiras décadas do século XX. Pesquisar, conservar e divulgar esses materiais trata-se assim de um desafio significativo do ponto de vista da gestão do patrimônio arqueológico.

### *Referências Bibliográficas*

- BARETTA, Jocyane R. Beleza, vaidade e estética por meio da cultura material na Porto Alegre oitocentista. *Métis: história & cultura*, [s. l.], v. 8, n. 16, p. 157-185, 2009. Disponível em: [https://www.academia.edu/3681322/\\_Beleza\\_vaidadee\\_estetica\\_por\\_meio\\_da\\_cultura\\_material\\_na\\_Porto\\_Alegre\\_RS\\_oitocentista\\_](https://www.academia.edu/3681322/_Beleza_vaidadee_estetica_por_meio_da_cultura_material_na_Porto_Alegre_RS_oitocentista_)
- BOTICA REAL MILITAR. *Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930)*, [s. l.], Disponível em: <https://dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/index.php>
- COMPANY, Zeli T. Os *Salvadores das garras da morte*: medicamentos populares, medicina humoral em Bom Jesus / RS (1898-1927). [s. l.], 2006. Disponível em: <https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/3862/4/000383869-Texto%2BCompleto-o.o.pdf>
- COMPANY, Zeli T. Procurando todo mundo tem pereba: práticas e recursos de cura a partir da cultura material na Porto Alegre do século XIX (1815-1898). 284 f. 2011. – PUCRS, [s. l.], 2011. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/2384>
- GHENO, Diego Antonio. *Arqueologia histórica no Vale do Taquari/RS*: análise dos recipientes de vidro da casa comercial de Arnaldo Fensterseifer – Roca Sales/RS. 116 f. 2011. – UNIVATES, [s. l.], 2011. Disponível em: <https://www.univates.br/bduserver/api/core/bitstreams/689be019-a714-4b5c-a163-94b9e6289806/content>

- GHENO, Diego Antonio; DOS SANTOS, Paula Dresch; MACHADO, Neli Teresinha Galarce. Vestígios do cotidiano: remédios e coleções arqueológicas. *Vestígios – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, [s. l.], v. 10, n. 2, p. 132–156, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.31239/vtg.v10i2.10560>
- HUMMEL, Grace. Parfumerie L. Plassard. *Cleopatra's Boudoir (blog)*, [s. l.], 2014. Disponível em: <https://cleopatrasboudoir.blogspot.com/2014/10/parfumerie-l-plassard.html>
- LIMA, Tânia Andrade de. Humores e Odores Ordem Social e Ordem Corporal no Rio de Janeiro do sec IXX. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, [s. l.], v. II (3), p. 44–96, 1996.
- MEYER V, Ferdinand. *Is the Hunyadi Janos Saxlehner's Bitterquelle a bitters bottle? Peachridge Glass*. Your comprehensive resource for the latest antique bottle and glass news (blog), [s. l.], 2015. Disponível em: <https://www.peachridgeglass.com/2015/02/is-the-hunyadi-janos-saxlehners-bitterquelle-a-bitters-bottle/>. Acesso em: 12 fev. 2023.
- OLIVEIRA, Alberto Tavares Duarte de et al. *A arqueologia vai ao Hospital*: Pesquisa Arqueológica para a implantação do Centro Histórico-Cultural Santa Casa. Porto Alegre: Faculdade Porto-Alegrense; ISCMPA, 2009.
- OLIVEIRA, Alberto Tavares Duarte de. A pesquisa arqueológica paraImplantação do Centro Histórico-Cultural da Santa Casa. In: CENTRO HISTÓRICO-CULTURAL SANTA CASA (org.). *Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre: Histórias Reveladas*. Porto Alegre: Ed. da ISCMPA, 2009. p. 42–52.
- PEIXOTO, Luciana da Silva. *A louça e os modos de vida urbanos na Pelotas oitocentista*. 165 f. 2009. – UFPEL, [s. l.], 2009. Disponível em: [http://guaiaca.ufpel.edu.br:8080/bitstream/prefix/6168/1/Luciana\\_da\\_Silva\\_Peixoto\\_Dissertacao.pdf](http://guaiaca.ufpel.edu.br:8080/bitstream/prefix/6168/1/Luciana_da_Silva_Peixoto_Dissertacao.pdf)
- PEIXOTO, Luciana da Silva. *Catálogo de faiança fina da residência Conselheiro Maciel*. 143 f. 2004. – UFPEL, [s. l.], 2004.
- PEIXOTO, Luciana da Silva; VERGARA CERQUEIRA, Fábio. Patrimônio Arqueológico da Saúde: registros materiais móveis e imóveis dos espaços e práticas de saúde. In: OOSTERBEEK, Luiz; SHEUNEMANN I.; MICHELON, Francisca Ferreira (org.). *Gestão integrada do Patrimônio Cultural –*

*Humanidades, sociedade, saúde e ambiente*. Mação: Instituto Terra e Memória, série ARKEOS, 2022. v. 52, p. 93–117.

PEIXOTO, Luciana da Silva; VERGARA CERQUEIRA, Fábio. *Salvamento Arqueológico para a Enfermaria Militar de Jaguarão*. Pelotas: IPHAN Processo Nº 01512.003063/2009-57, 2011.

SANTOS, Moacir Elias. Uma peste anual que vem após a inundação: a malária no Egito antigo. In: VERGARA CERQUEIRA, Fábio; AXT, Gunter;; FERREIRA, Renata Brauner (org.). *Epidemia na História*. Pelotas: Editora da UFPel, 2022. v. 1, p. 49–68. E-book.

SANTOS, Paulo Alexandre da Graça. *MENSAGENS NAS GARRAFAS: O prático e o simbólico no consumo de bebidas em Porto Alegre (1875-1930)*. 185 f. 2009. – PUCRS, [s. l.], 2009. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/2293/1/411371.pdf>

SCHÁVELZON, Daniel. *Catalogo de ceramicas historicas de Buenos Aires (siglos XVI-XX). Con notas sobre la región del Rio de La Plata*. Buenos Aires: Fundación para la Investigación del Arte Argentino, 2001. (CD).

SCHÁVELZON, Daniel. *Cien botellas: Un hallazgo casual en el convento de Santa Catalina de Buenos Aires (excavación 2001)*. [S. l.], 2005. Disponível em: <http://www.iaa.fadu.uba.ar/cau/?p=4000>. Acesso em: 15 jan. 2023.

VERAS, Naira Lorena de Oliveira. *Práticas de saúde e modernidade na cidade de Parnaíba, Piauí ( 1850 a 1930 )*: um estudo arqueológico. 161 f. 2014. – Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2014. Disponível em: [https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/3223/1/NAIRA\\_LORENA OLIVEIRA\\_VERAS.pdf](https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/3223/1/NAIRA_LORENA OLIVEIRA_VERAS.pdf)

VERGARA CERQUEIRA, Fábio; PEIXOTO, Luciana da Silva; ZORZI, Mariciana. Arqueologia em campo: usos e significados atribuídos à antiga Enfermaria Militar de Jaguarão – RS. In: MICHELON, Francisca Ferreira; JÚNIOR, Cláudio de Sá Machado; GONZÁLEZ, Ana Maria Sosa (org.). *Políticas públicas do patrimônio cultural: ensaios, trajetórias e contextos*. Pelotas/RS: Editora e Gráfica da UFPel, 2013. p. 246–264. E-book.



COORDENAÇÃO EDITORIAL: Betânia G. Figueiredo

DIAGRAMAÇÃO E CAPA: Amanda Paim do Carmo

REVISÃO: Cláudia Rajão

FORMATO: 15,5 x 22,5 cm | 341 p.

TIPOLOGIAS: Minion Pro e Myriad Pro.

COLEÇÃO  
**HISTÓRIA**

Uma História Brasileira das Doenças - volume 12 traz ao leitor um conjunto de novos temas e reflexões produzidos por pesquisadores brasileiros. Organizada por profissionais ligados associados aos Programas de Pós-Graduação da UFOP, UFMG, UFES e COC-FIOCRUZ, a coleção constituiu espaço privilegiado de divulgação e manancial de temas e referências de pesquisas para investigadores e interessados na história da saúde e da doença.

Ao longo dos 13 capítulos do livro é possível transitar do século XVIII ao século XXI, com recorte espacial no Brasil e acompanhar diversas perspectivas de problematizações que têm, em comum, temas da saúde: as boticas e a botânica brasileira, a arqueologia e o patrimônio da saúde, eugenio e raça, combate à fome nos anos 1950, artefatos e experiências educativas em saúde até temas mais prementes, como o negacionismo histórico, a possibilidade de erradicação da pólio, o conhecimento médico a respeito do câncer e a doença falciforme.



**PROGRAMA DE  
PÓS-GRADUAÇÃO  
EM HISTÓRIA**  
Universidade Federal de Ouro Preto



Casa de  
Oswaldo Cruz